

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 656

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECCULO

ARCANDO

DE MAU NINHO...

● ● Por LAURA CHAVES ● ●

O grande acontecimento que pôs tudo em movimento na mata do Sobreiral, foi que o Saltinho, um pardal, que inda há bem pouco casara, num ninho, ali perto, achara um ovinho abandonado. O pardalico, assombrado, fôra a pardoca buscar e os dois, à uma, a piar, num instante amotinaram aqueles que os escutaram. E piavam: — Que desgraça! Sempre há pais duma tal raça! — O pardal disse à mulher: — «O que havemos de fazer?» Ela, com bondade infinda, deu-lhe esta resposta linda: — «Vamos levar para o ninho êste ôvo que é pôbrezinho...»

Quando o Sol, ao outro dia, trouxe a luz e a alegria à mata do Sobreiral, sôbre o ninho e pardal dardou um ténue raio, para espreitar, de soslaio,



o que é que havia de novo: Ao topar com mais um ôvo o raiozinho tremeu:

— «O que foi que aconteceu? Mas que estranheza isto mete! Pois ontem inda eram sete e agora são oito já? . . . O que foi, digam-me lá?»

Logo respondeu um gaio: — «Eu lhe conto, senhor Raio. . .»

E contou-lhe a linda história, como outra não há memória, do casal que, no seu seio, criava o filhinho alheio. O raio, então, comovido, com o caso acontecido tornou-se muito mais quente. Depois, carinhosamente, envolveu, em seu calor, êsse ninho todo amor,

que assim dera à Humanidade uma lição de bondade.

No meio da pardalada já crescida e emplumada, um bicho, mal encarado, de bico curvo, achatado, grande contraste fazia com tôda essa companhia.

Era o pássaro nascido do tal ôvo recolhido. Tão feiozinho! Era um mocho . . . e torto como um arrocho . . . Mas fora sempre criado com êsse amor desvelado com que o casal dos pardais havia criado os mais.

Um dia, em que o pai pardal, no seu giro habitual,



O MEU AMIGO JEREMIAS

■ POR MANUEL FERREIRA ■

Não conheço pessoa alguma com melhores ditos, do que o meu amigo Jeremias, de quem já lhes falei há tempos.

Esquecia-me dizer-lhes que Jeremias era judeu.

Quando chegou à idade própria, sentou praça no exército. Passou a ser o 21 da primeira Companhia.

Certa vez, o sargento perguntou-lhe quais eram os pontos cardiais. Prontamente, o nosso Jeremias respondeu:

— «Norte, Sul, Este e Oeste».

O sargento observou:

— «Tens o Norte à tua frente; o Este, à direita; o Oeste, à esquerda. Que tens tu atrás?»

— «A mochila, meu sargento.»

Outra ocasião, meteu-se na mioleira do meu amigo Jeremias que tinha inventado um remédio contra a queda do cabelo. Ora, esse remédio era feito de mósca. Pôs anúncio no jornal, anunciando que dava dez centavos por cada dúzia. Não faltaram lá patucos com cartuchos e caixas cheias de mósca. Mas, afinal, o invento não deu resultado algum.

Todos os dias apareciam pessoas oferecendo os insectos. Então, para se salvar da ruína, Jeremias enviou para os jornais outro anúncio, dizendo:

Jeremias Jacob, inventor do preparado «Moscafixe» contra a queda do cabelo, vem avisar que, daqui para o futuro só compra mósca do sexo masculino.

Foi uma idéia genial. Como ninguém sabia se os insectos eram mósca ou mósco, não mais foi maçado o Jeremias.

Nas férias do emprêgo, o meu antigo colega era amador dramático.

Nessa noite, ensaiava, com os companheiros do seu Ministério, uma peça

da autoria de Gil Vicente, que, como os meninos devem saber, fundou o nosso teatro há quatrocentos anos. Ora, em dada altura, houve uma dúvida sobre o nome que deveria ter uma personagem. Surgiu a questão e, daí a pouco, foram dar com o Jeremias, a folhear, nervosamente, a lista dos telefones.

Perguntaram-lhe porque fazia isso, e o nosso amigo respondeu:

— «Estou a ver se o Gil Vicente tem
(Conclue na página 7)



topara um verme gordinho para dar a um seu filhinho que estava muito doente, o engeitado, de repente, e sem dizer: — *água vai* — roubou o pobre do pai. Tais bicadas lhe ferrou que o bom do pardal ficou com a cabeça partida e a alma tão dolorida que a chorar lhe disse, então: — «Filho do meu coração,

porquê, esta acção tão triste? Porque é que me não pediste, eu tudo te tinha dado . . . Vais ser infeliz, coitado! Quem para os seus é ruim nesta vida tem mau fim.»

Mas o ingrato animal, que pagou o bem com mal, abrindo as áas, voou e nunca mais lá voltou.

Esta história que contei foi um exemplo que eu dei para lembrar o ditado que o povo, sempre assisado, em seu singelo pensar, usa para se guiar. Diz o rifão: «De mau ninho nunca creis passarinho.»

■ F I M ■

Lê, minha menina...



por GRACIETTE BRANCO

Minha querida Menina portuguesa: Vejo, com prazer profundo, que a minha idéa acerca do curso de dicção que vou abrir no principio do próximo inverno, te deu muita alegria, pelas cartas de louvor que tenho recebido, e até já por algumas inscrições de simpáticas e inteligentes meninas portuguesas. Vamos realizar uma interessante obra, durante o próximo inverno, valeu?

Tu, minha querida Menina Portuguesa, vocês todas, queridas raparigas, filhas deste claro e tranqüillo Céu de Portugal, ireis aprender a recitar poesias dos nossos melhores autores, clássicos e modernos, compreendendo monólogos, diálogos e até pequenas peças infantis, escritas, propositadamente, para vocês.

Nos intervalos das vossas obrigações escolares, dedicar-vos-heis ao estudo da dicção, a bela arte que impõe a nossa personalidade, no refinamento e elegância da palavra.

Fico esperando mais inscrições e, até lá, creiam na amizade da vossa.

CORRESPONDÊNCIA

GRACIETTE

O espaço hoje é muito limitado, de forma que tereis de perdoar-me deixar em atraso algumas respostas, que sairão a seu tempo.

MARIA NOEMIA FERREIRA VIANA. — Recebi a tua cartinha de inscrição. Ficas sendo a aluna n.º 1. Obrigada pelas tuas boas palavras. Havemos de ser muito boas amigas, tem a certeza disso. Saudades.

RAQUELINHA. — Achei muita graça à tua carta. Então, agora, como vais ser minha aluna, já não precisas do meu retrato, porque me vais ver em pessoa!...

E's assim tão minha amiguinha?!...

Obrigada. Também te agradeço teres obedecido ao meu desejo e comeres já a sopinha toda.

MARIA EUGENIA VENTURA. — Vou publicar os teus versos, que estão aproveitáveis. Escreve sempre. — Até breve.

GRACIETTE



CARTINHA

por MILAU

Guidazinha:

Aqui estou eu a escrever-te, minha amiga; oiço a Maria do Céu entoando uma cantiga que nos enviaste um dia. É um canto d'alegria!

A Césita, a minha irmã, tem passado muito bem; Eu, o papá, a mamã, todos contentes, também.

E tu? E todos os teus estão de saúde, Guida? Sempre o peço ao Pai dos Céus, minha amiguinha querida.

Nós temos brincado imenso, nunca posso estar quieta! Já perdi aquele lenço que tinha uma borboleta... Tive tanta, tanta pena! Fôra presente da Lena.

Na praia, fazemos poços, barquinhos, fornos de areia... O Carlitos, que é dos nossos, só desenha a lua cheia! Temos um grupo catita, mas faltas-nos tu, Guidita.

A NOSSA CONSTRUÇÃO DE HOJE

UM MOÍNHU PARA ARMAR

Esta construção, que os menos hábeis poderão armar, deve ser colada em cartolina não muito fina.

Principia-se por recortar o armar o telhado, enfiando, depois, um arame grosso pelos furos A e B. (Esq. 1)

A meio do arame, deve enrolar-se uma tira de papel para lhe dar mais grossura. Pósto isto, ata-se um fio, duns 50 cm. de comprimento. É a corda, para fazer mover as velas.

Cola-se, a seguir, o telhado na parede e esta na casa; a pequena mó no sitio respectivo e, por último, a vela que se prende ao arame. (Esq. 2). E está pronto.

Prendam um péso à guita, e enrollem-na, dando voltas com as velas. O péso fará desenrolar o fio, e este, por meio do arame, imprime o movimento às velas.

Como vêem, é muito simples.

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número poderemos prosseguir as nossas habituais secções:



COSTUMES PORTUGUESES
e o concurso:
ENCONTRAI RIMAS e FIXAI CONCEITOS

(Continua na página 6)

Leocádio



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Viera de Trás-os-Montes, sua terra natal... Pastor de ovelhas, lá vivera a sua garotice, como um pequeno selvagem, cabelo desalinhado, pé descalço, esfarrapado e sujo, mas alegre, feliz como lebre saltadora entre as urzes da charneira ou cabritinho estouvado entre as sebes do mato. Mas... «aquela vida não podia continuar assim...» — dissera o pai, certa noite à hora da ceia, para a mulher, enquanto dentro, no pequeno quartinho-esconso, o garotinho dormia, a rressonar, de boca aberta e olhos semi-serrados.

— «Aqui não tem futuro! Lá baixo, na capital, talvez possa medrar, fazer-se «alguém» e amearhar fortuna.»

Silenciosa e triste, a Mãe não cusou retorquir. Nunca opuzera argumentos à vontade do seu «home» que, por ser «home», sabia, melhor do que ela, todas as sendas da Vida.

Na manhã seguinte, limitou-se a gravar no íntimo da alma a imagenzinha do filho: — aquêles olhos cândidos, claros como a água da azenha, a boca rubra como a amora silvestre, o sorrizinho franco, como luz através a fresta dum postigo. E, nessa manhã, Leocádio, assim se chamava o pequenino lapuz, foi prevenido pelo pai que, à queima roupa, lhe disse: — «Môço, resolvi despenhar-te para Lisboa que é terra de abundância e fartura. Vou dar-te ensejo a que te faças «home», um «home» a valer. Dou por bem gasto o dinheiro que dei à ti Ana para ensinar-te as letras; já di-tei carta ao «sr» Prior, a recomendar-te ao Padrinho, que vive na capital, para te empregar numa loja, vais vêr o que nunca viste: — carros que andam sem cavalos, palácios, luzes de côr, o diabo a quatro!... Lá começo não ganharás; vais só praticar mas terás comida e dormida à custa do futuro patrão. Depois, se deres boa conta de ti, podes vir a ganhar boa «maquia» e a amearhar pé-de-meia...»

Enquanto o pai falava, a mãe, antecipadamente saudosa do menino que trouxera ao colo, que amamentara e que embalára no bérço, ia bebendo as suas expressões, numa ávida sede de materno instinto.

Desde então, Leocádio, quer dormindo quer acordado, passou a sonhar com Lisboa, essa Lisboa tão boa, onde havia carros sem cavalos, palácios, luzes de côr, o diabo a quatro... — «Como seria?!... Como seria?!...»

Esta interrogação durou apenas um mês. Viera carta... Chegara ordem de marcha... Brotaram lágrimas de Mãe... e, finalmente, surgiu o imenso labirinto de oiro, prata e rubis, que era, para os seus olhos virgens de impressões, a grande capital.

O padrinho aguardava-o na gare babélica do Rossio, Anafado, vermelho, bigodaga aloirada e grande papeira tombando sobre o colarinho mole, sem gravata, jaquetão aberto, deixando ver o colete com três botões desabotoados e uma corrente de oiro com um par de figas e um cornicho de ambar, era o protótipo do carnicheiro, proprietário dum talho. Com três aneis em cada mão, entre os quais um «cachucho» no dedo polegar direito, o padrinho de Leocádio percorria com os olhos as plataformas das terceiras classes do combóio ronceiro, que fizera viagem de noite e chegara, bufar de vapor, à gare do Rossio, às sete da manhã.

Entre os viajantes de longes terras e a malta de trabalhadores que de Vila Franca, Amieiro e Campolide, vinham para a faina dos officios, a figurinha meã do Leocádio surgiu, com sua trouxinha às costas, de expressão alvar, os olhos espantados, num atordoamento de visão, ansiosa por deparar o padrinho que já não via há três anos, desde a viciata que fizera à terra, por ocasião da Páscoa.

Um beijo na mão sapuda do padrinho, selou o encontro, bastante parcimonioso por parte da natureza rude do carnicheiro obêso.

— «Então, rapaz, vens de vontade começar vida nova?» — indagou o padrinho, para dizer qualquer coisa.

— «Saiba vossemecê que sim.» — retorquiu o garoto, humílimo e confuso, sem encarar o padrinho.

— «Vou já levar-te ao teu futuro patrão, o meu amigo Anastácio Souza que é o dono da afamada leitaria «Lisbonense». Já lá tens um quarto preparado com cama e um cobertor de papa. O quartinho é pequeno, contudo aconchegado. Não tem janela mas podes ficar com a porta aberta para a loja, pois ninguém mais dorme na leitaria. O patrão, ao sair, leva a chave; ninguém te incomodará. Deitas-te às dez, levantas-te às três para esfregar o chão, tornas-te a deitar às quatro, e levantas-te às sete, hora a que o patrão abre a loja.»

O pequeno ouvia, calado, os esclarecimentos do padrinho mas, de período a período, a visão de oiro da sua terra saudosa, projectava-se no vasto lençol cinematográfico do seu pensamento.

Os eléctricos e os automóveis, passando por êle, feriam-lhe a retina, enchendo de pasmo a sua curiosidade e não ponde deixar de, ingenuamente, exclamar: — «Padrinho, que bruxedo faz andar estas grandes carroças?»

— «Não são carroças, são carros eléctricos e automóveis... elucidou o padrinho, com fumacaças de grande sabedor, acrescentando: — são movidos por electricidade.»

— «E isso o que é?» — perguntou, de novo, o pequeno, seguindo o rumo dum carro.

— «E' assim uma coisa... Olha, eu nem te posso explicar! Tens muito que aprender primeiro...»

— rematou o carnicheiro, que só percebia de pêsos e contrapêsos.

Seguindo pela Praça dos Restauradores, entraram no





correu para o cubículo sujo da pequenina retrete, fechou a porta no fecho e pôs-se a chorar baixinho.

elevador da Glória, para o qual Leocádio subiu receosamente.

Ao descerem, terminada a curta viagem, o padrinho apontou: — «E' ali...» E indicou-lhe a leitaria quasi fronteira.

— «Ora, viva o compradre Anastácio!... — (exclamou o padrinho de Leocádio, ao transpor o limiar da loja.) — Aqui lhe trago o futuro marçõo, o afilhado de que lhe falei e que Vossemecê, por atenção a mim, contratou pro serviço.»

— «Seja benvindo! — voiveu o Anastácio Souza, medindo dos pés à cabeça o novo empregado e acrescentando: — Cara de esperto tem êle; oxalá que a esperteza não seja demasiada.»

Leocádio ia substituir um antigo servente que, por portas travessas, conseguira uma colocação em África, motivo porque continuaria ao serviço apenas por quinze dias, o tempo de instruir o seu substituto e de dar entrada no barco que o conduziria a Luanda, três dias após abandonar a loja.

— «Mostra-lhe o estabelecimento, leve-lhe a roupa para o quarto e vai-lhe ensinando o que tem a fazer.» Foi assim que o recebeu, sumariamente, o dono da leitaria, tipo anodino, incaracterístico como a bata branca com que atendia os freguêses.

Imediatamente, Leocádio tentou adaptar-se à sua nova vida. Vestiu um casaquinho branco que pertencera ao antigo empregado, pegou no pano de limpar a loiça e pôs-se a lavar os copos que se encontravam numa pequena prateleira, sôbre o poial do lavadouro de pedra mármore.

A meio da tarefa, o padrinho chamou-o para se despedir:

— «Adeus, pequeno; faz sempre por agradar ao patrão, que podes vir a ter bom futuro.» — E, passando-lhe dois dedos pela testa, voltou costas, depois de abraçar o compradre, com quem estivera falando acerca do comércio que ambos faziam, por vezes com inconfessável maroteira e secretos truques.

Ao vê-lo partir, Leocádio teve a impressão de que, nesse momento, acabara de perder a última parcela que lhe restava da sua despreocupada infância. Sentiu-se sózinho,

O serviço de Leocádio consistia em varrer e em esfregar a loja, em limpar a loiça e levar os lanches encomendados pelos empregados dos escritórios comerciais da área.

Se ao levar a bandeja aos freguêses de fóra, repleta de encomendas, refrancos, cafés, «sandwiches», chá, torradas, pasteis, tropeçava em qualquer degráu ou dobra de tapête e partia alguma garrafa, chávêna ou copo, o dono da leitaria fazia-o pagar, das gorjetas que recebera durante o mês, o prejuizo causado e, ainda por cima, sancava-o com a correia dum cinto velho, que hoje apenas servia para as eventua's tarefas.

Era assim, agora, a sua vida, vida fatigante monótona, atribulada.

*
* * *

Meninos que dormis em fófo colchão de penas; que tendes sonhos róseos e perfumados; cujo chão que pisais é macio e suave; e cuja vida é tôda um mar de rosas; entre



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO para MENINAS por ABELHA-MESTRA



Julia Maria

O teu fatinho de linho cõr de rosa, vai ficar muito bonito todo bordado com uma só cõr, sendo a de mais lindo efeito a cõr azul saxe.

O desenho que te apresento é para applicares em barrinhas, podendo, caso o fato tenha muita roda, distanciar mais as florinhas.

Isso não virá alterar o conjurto porque, na realidade,

o efeito, depois de bordado, é sempre atraente. E são tão simples e simpáticas de fazer essas pequeninas flõres que muito bem podes ajudar a Tia nessa tarefa.

Uma menina com 9 anos, já tem idade para executar êsses trabalhos com alguma perfeição e torna-se, assim, um bocadinho útil aos seus.

Manda-me, depois, dizer se te serviram o desenho e os conselhos da tua amiguinha.

ABELHA MESTRA

ADIVINHA

Meus meninos:

Vejam se são capazes de formar com a inicial de cada desenho ao lado, o nome de uma mulher.



CARTINHA

(Conclusão da página 3)

Lá na quinta, o que tens feito?

Sempre foi contigo a Necas que tinha tão pouco jeito para vestir as bonecas?!

Adeus, Guida...

Uma saudades da minha à tua família. E um abraço de amizade da bem saudosa

Cecília.

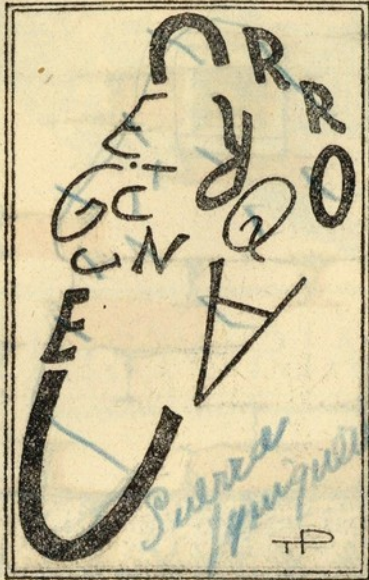


beijos, afagos, mimos; comparai a vossa existência à de pobre Leocádio e pesai a responsabilidade do vosso feliz destino.

Lembrai-vos que todos temos obrigações a cumprir; uns adquirindo nos seus livros de estudo a aprendizagem da Vida, outros adquirindo na própria Vida a aprendizagem da Alma,



QUEM ADIVINHA? ...



Formar, com as letras contidas nesta cara, o nome dum grande poeta português.

|||||||

SOLUÇÃO DA ADIVINHA DO NÚMERO PASSADO

Camilo Castelo Branco

Nascido a 16 de Março de 1826, em Lisboa, pôs termo aos seus dias a 1 de Julho de 1890, em S. Miguel de Seide. Ele foi, sem dúvida, o maior escritor português do século passado. A sua obra, belamente escrita, e portuguesa de lei, é numerosa, constituída por mais de 100 volumes.

O MEU AMIGO JEREMIAS

(Conclusão da página 2)

telefone em casa, para desfazer esta dúvida.»

No Carnaval, o nosso Jeremias, quiz-se mascarar. Económico como era, enfarruscou-se e saiu, levando às costas um grande saco.

Ao passar, à noite, na rua, viu que uma mulher, num quinto andar, gritava, desesperadamente, chamando-o.

Jeremias, aflito, corre e sobe os degraus da escada, a quatro e quatro. Quando Jeremias, escorrendo suor, chegou lá acima, a mulher abre a porta, mostra-lhe um filho rameloso, que fazia um grande berreiro e diz ao seu amigo:

— «Não é verdade, senhor *homem do sacco*, que leva o *Jéjé* se ele não quizer comer a sopinha?»

Jeremias era um forreta de marca. Um dia, passeando pelo Tejo, num bote dum colega, caiu à água. O local não era muito fundo, mas o Jeremias atrapalhou-se, por se ter esquecido de nadar. Ao vêr o seu embarço, o dono do bote debruçou-se e disse:

— «Dá cá a mão, Jeremias, depressa, dá cá a mão!»

O meu amigo, cada vez mais atarantado, não encontrava forma de se decidir.

Então, o colega vendo que o Jeremias era incapaz de dar fôsse o que fôsse, mudou de tática, e gritou-lhe:

— «Toma lá a minha mão, Jeremias, agarra-te bem!»

Santas palavras... Num instante, o seovina saltou para o bote.

E agora, meus meninos, até à vista...

F I M

CURIOSIDADES

As borboletas e o jejum

Por certo que todos os nossos amiguinhos observaram o adejar gracioso de uma borboleta; e repararam, por conseguinte, que ela procura as flores sobre cujas pétalas faz curtas paragens, parecendo sugar o seu néctar.

Mas é um engano; a vida deste simpático bichinho é tão curta que ele não necessita de alimento.

Uma vez chegadas à forma perfeita, as borboletas não têm outra missão a desempenhar na vida, do que



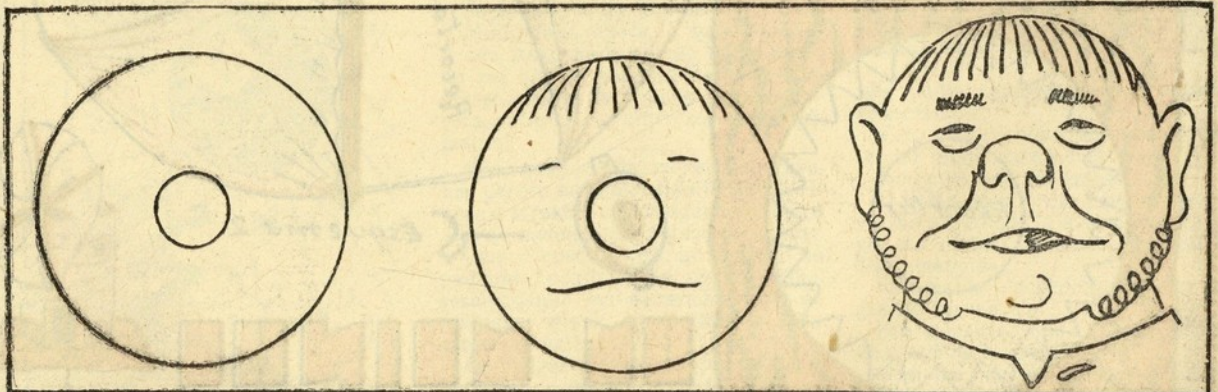
assegurar a continuação da espécie pela postura dos ovos. Uma curta existência é o suficiente e elas jejuam, portanto, até que a morte sobrevenha.

Quanto tempo dura esse jejum?

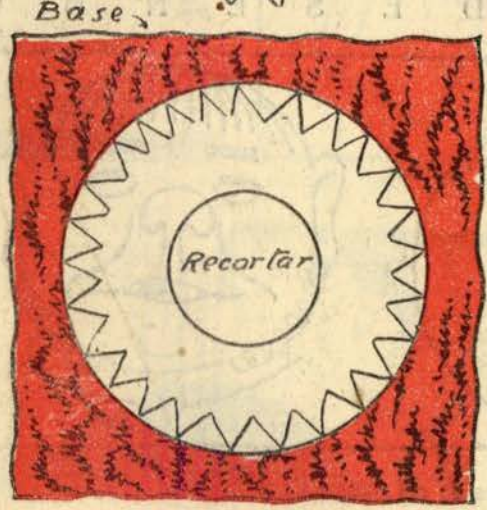
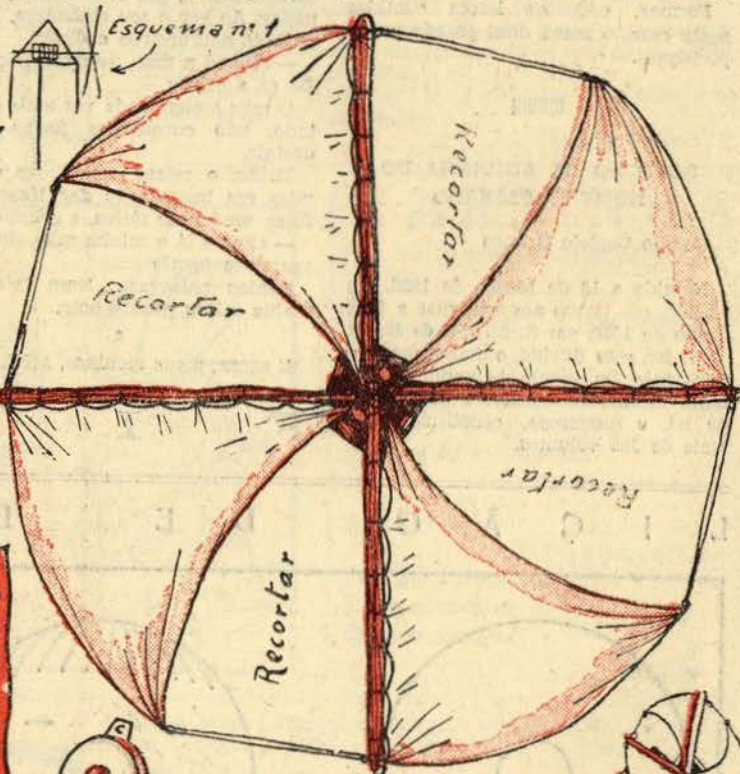
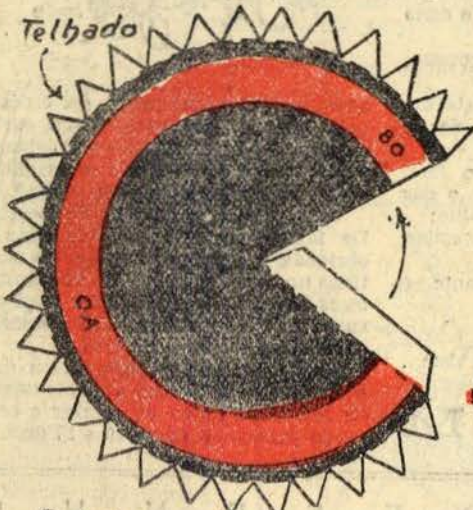
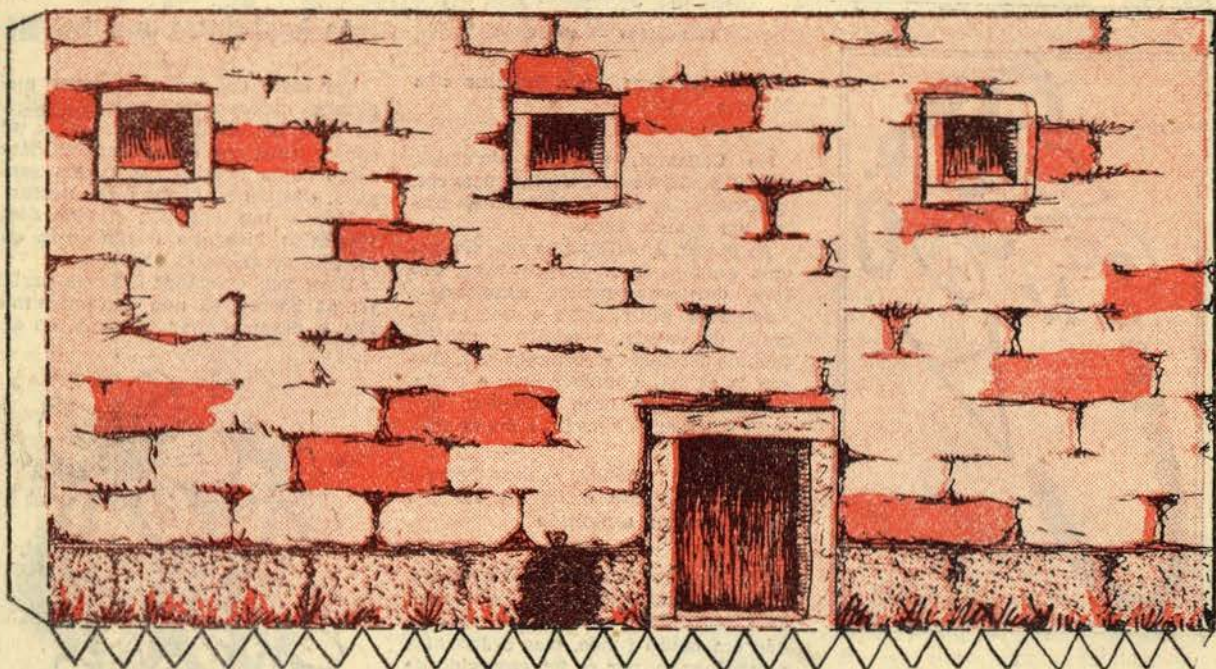
Varia com a actividade do insecto. De facto, para viver, a borboleta é obrigada a consumir as reservas contidas nos seus tecidos, e, se vòa muito, esses empréstimos, por assim dizer da sua própria substância, acabam mais depressa e assim a sua vida.

Sábios biólogos observaram que o insecto pode perder até dois terços do seu peso antes de morrer e esta perda produz-se entre 10 a 17 dias.

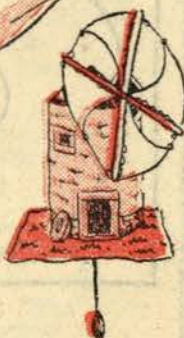
L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se aprende a desenhar a cara de um palhaço



Esquema 2



UM MOINHO

por TAVARES PINTO